

IV Seminário dos Alunos de Pós-graduação em Literatura da UFSC 14 a 17 de outubro de 2014
--

MINICURSOS
Quinta-feira, 16 de outubro

10 horas

“Lunetas e caleidoscópios: As sujeiras nas lentes do entendimento em Paulo Leminski e Adriano Espínola”

Ministrantes: Filipe Bitencourt Manzoni e o Daniel Wallace de Souza Lima

Auditório Henrique Silva Fontes

Duração: 1h30

RESUMO: Nosso trabalho se propõe a uma leitura das figurações do olhar através de um diálogo entre o Catatau (2010), de Paulo Leminski, e a trilogia do transporte urbano, de Adriano Espínola, composta pelos três poemas “Ônibus”, “Táxi” e “Metrô” - o primeiro presente em O lote clandestino, reeditado em 2002, e os outros dois reunidos em Em trânsito (Táxi/Metrô), de 1996. No recorte empreendido na obra dos dois poetas encontramos a possibilidade de uma problematização do aspecto visual, que tem sua objetividade constantemente ameaçada pela vertigem da sucessão de imagens, sejam elas provenientes do bucolismo de Pernambuco durante a ocupação holandesa, ou do trânsito veloz da Fortaleza do final do século XX. Interessa-nos traçar um diálogo entre a presença da luneta, instrumento ótico utilizado por Cartésio - máscara latina de René Descartes - no Catatau, e a janela do ônibus/táxi/metrô nos poemas de Adriano Espínola, observando como as duas imagens aparecem como ambivalentes entre possibilidade de uma separação e distanciamento da paisagem, e como aparato ótico translúcido que possibilita, ao mesmo tempo, o próprio contato visual. Tanto a luneta quanto a janela figuram ainda não apenas como elemento técnico para uma telescopia da paisagem, mas também como um caleidoscópio que, por um jogo subversivo de espelhos, multiplica fragmentos de imagens e confere a eles novos sentidos possíveis, re combinando as impressões visuais em um efeito de desconexão e sobreposição que não se compromete mais com a representação mimética e contemplativa. Neste ponto, o conceito de bricolagem, de Lévi-Strauss, desenvolvido na obra O Pensamento Selvagem (2010), adquire uma potência sensitiva na medida em que a paisagem nordestina de ambas as obras assume as distorções de um olhar que é sempre contaminado.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

CASTRO, Eduardo Viveiro. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

COCCIA, Emanuele. Filosofía de la imaginación: Averroes y el averroísmo. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008.

ESPÍNOLA, Adriano. Em trânsito (táxi/metrô). Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

_____, O lote clandestino. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

LEMINSKI, Paulo. CATATAU: um romance - ideia. São Paulo: Iluminuras, 2010.

STRAUSS, Lévi. O pensamento selvagem. São Paulo: Papyrus, 2010.

TORRES, João Carlos Brum. Capítulo 3, Kant e os selvagens da Nova Holanda. In: ESCRITOS 1: Transcendentalismo e dialética - Ensaios sobre Kant, Hegel, o marxismo e outros estudos. São Paulo: L&PM, 2004, p.71-100.

“Literaturas pós-autônomas?”

Ministrantes: Alexander Belivuk, Joaquín Correa e Felipe Pereira

Sala Hassis

Duração: 1h30

RESUMO: A proposta do nosso minicurso é simples: ler o texto da Josefina Ludmer, “Literaturas postautônomas”. E para lê-lo é preciso situá-lo: as noções de “realidade ficção”, “gosto” frente ao “valor”, “fábrica de presente”, “imaginação pública”, entre os outros por ela propostos serão colocados em relação com os conceitos de ficção que vêm sendo trabalhados por Ricardo Piglia e Juan José Saer, além das propostas de Jacques Rancière em *A partilha do sensível*. Para trabalhar esses textos propomos um debate que não se limita à teoria, senão que sairá dos próprios textos das nossas pesquisas e do contemporâneo sul-americano: como ler, ao fim, as afirmações bombásticas do texto performático de Ludmer hoje? Pode-se falar duma “pós-autonomia”? Em que termos? Nossa vontade é pensar e colocar em questão esses conceitos para, daí e se possível, os situarmos.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

LADAGGA, Reinaldo. “Espectáculos de realidad: ensayos sobre la narrativa latinoamericana de las últimas dos décadas”. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007.

LUDMER, Josefina. “Literaturas posautônomas”, *Ciberletras*. Revista de crítica literária e de cultura, Nº 17, Julho de 2007.

_____. “Literaturas postautônomas 2.0” em *Revista Z*. Ano IV, n. 01. Rio de Janeiro, 2009.

PIGLIA, Ricardo. “Sobre el género policial” In: *Crítica y ficción*. 3ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. “Se é preciso concluir que a história é ficção. Dos modos da ficção.” In: *A partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2009.

SAER, Juan José. “El concepto de ficción” In: *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

SIBILA, Paula. “La intimidad como espectáculo”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

“Acervo Jorge Amado 1941/1942: Documentos De Uma História Ainda Não Contada”

Ministrantes: Thalita da Silva Coelho e Nicola Gonzaga

Sala Drummond

Duração: 1h30

RESUMO: Este minicurso, sob orientação da Professora Tânia Regina Oliveira Ramos, será centrado na apresentação de um arquivo doado ao nuLIME (núcleo Literatura e Memória), com aproximadamente 1.400 páginas de, sobre ou contextualizando a produção literária de Jorge Amado no (auto)exílio em 1941 (Buenos Aires) e 1942 (Montevideu), documentos que esclarecem, especialmente, as tratativas da escrita da biografia de Luiz Carlos Prestes e o papel político do Partido Comunista Brasileiro no período. A leitura deste acervo se deu, preliminarmente, sob os conceitos

de memória manipulada e esquecimento, de Paul Ricœur, juntamente com uma reflexão sobre o contexto da época e sobre a importância das fontes para a história da literatura e para a história política do Brasil durante o Estado Novo, além de sua importância para o preenchimento biográfico do escritor baiano e para a criação de redes possíveis no entendimento de sua obra publicada e inédita no período. Assim, o minicurso pretende dar noções sobre o acervo a partir do estudo de duas pesquisadoras.

Na segunda parte do minicurso serão apresentados vestígios do militante Luiz Carlos Prestes a partir dos documentos que compõem o acervo de Jorge Amado, como também o processo da construção do herói nacional. O recorte é o período literário que transita do romance proletariado ao romance socialista do escritor baiano. No decorrer da pesquisa é possível perceber a maneira como Jorge Amado narra a trajetória de Luiz Carlos Prestes na busca da construção do herói. São encontrados vestígios através de várias correspondências de militantes do partido comunista a Jorge Amado, além de documentos citando a biografia de Luiz Carlos Prestes, “O cavaleiro da esperança”, tecida pelo escritor em 1935 no seu autoexílio. No que tange o texto – contexto é plausível fazer uma intersecção teórica a fim de investigar o momento histórico em que se situam os rastros encontrados e a biografia analisada, trazendo o espaço (extrínseco) e o relacionando com os vestígios de Prestes encontrados no acervo. Ou seja, de que forma a construção desse herói-personagem pode ser tocada pelo meio em que ela está inscrita.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

AMADO, Jorge. O Cavaleiro da Esperança. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora Círculo do Livro/Record, 1979.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERNO DE ALMEIDA, Alfredo Wagner. Jorge Amado: Política e Literatura. Rio, Editora Campus, 1979.

BRAIT, Beth. A Personagem. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In:____. História concisa da literatura brasileira. 3ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. p. 457-459.

BRUM, Eliane. O Averso da Lenda. Porto Alegre, Editora Oficinas, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). Usos & abusos da história oral. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.

CANDIDO, Antônio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CARDOSO, Marília Rothier. “Retorno à Biografia” In: Literatura e Mídia. Loyola: São Paulo, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado, Exílio e Literatura.

In: Alletria, 2002. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2009/21Eduardo%20de%20Assis%20Duarte.pdf Acesso em 12-11-2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FALCÃO, João. O partido Comunista que eu conheci. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

FEIJÓ, Martin Cezar. O que é herói. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HERSCHMANN, M. ; PEREIRA, C. A. M. O boom da biografia e do biográfico na cultura Contemporânea. In: OLINTO, H. K.; SCHØLLHAMMER, K. E.(org.). Literatura e Mídia. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

KOTHE, Flávio R. O Herói. São Paulo: Editora Ática, 1985.

LOPES, Edmundo. “Capitães de Areia”. O Ilhéu, 1937. In: 30 anos de literatura. São Paulo, Martins, 1961.

LUCAS, Fábio. O Caráter Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

MACEDO, Taise Teles Santana de. A SAGA DE UMA HEROÍNA NO PAÍS DO CARNAVAL: por uma análise da identidade nacional em Teresa Batista cansada de Guerra. VI Enecult – Facom- UFBa, 25 a 27 de maio de 2010.

MEDEIROS, Marcia Maria de. A construção da figura religiosa no romance de cavalaria. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/editora/catalogo/a-construcao-da-figura-religiosa-no-romance-de-cavalaria-medeiros-marcia-maria-de> Acesso em: 20-05-2012

MORAIS, Fernando. Olga. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PONTES, Matheus de Mesquita. Jorge amado e a literatura de combate: da literatura de engajada à literatura militante de partido.
in: Revista REVELLI, Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas. ISSN 1984-6576 - v. 1, n. 2, outubro de 2009. Disponível em: <http://www.catalao.ufg.br/historia/arquivosSimposios/historia/VISIMPOSIO/PDF%20%20resumo/Texto%20completo/Matheus%20de%20Mesquita%20Pontes.pdf>

PONTES, Matheus de Mesquita. Memória e história na obra “O cavaleiro da Esperança”, de Jorge Amado.
Disponível em: <http://www.catalao.ufg.br/historia/arquivosSimposios/historia/VISIMPOSIO/PDF%20%20resumo/Texto%20completo/Matheus%20de%20Mesquita%20Pontes.pdf> Acesso em: 12-11-2011.

PRESTES, Anita Leocádia. Uma epopéia brasileira: a Coluna Prestes. São Paulo:Ed.Moderna, 1995

REIS. Roberto. Cânon. In: JOBIM, José. Palavras da Crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-91

TAVARES, Hênio. Teoria Literária. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1978.

Raquel de Queiroz – Vida e Obra
Disponível em: <http://pt.shvoong.com/books/biography/1660747-rachel-queiroz-vida-obra/#ixzz1vtPvmLiC>. Acesso: 10-04-2012

RAILLARD, Alice. Conversando com Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SEGOLIN, Fernando. Personagem e Anti-Personagem. São Paulo: Editora Cortez & Moraes, 1978.

SOUZA, José Augusto de. A Coluna Prestes em discursos. Curitiba, 2005.
Disponível em: dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/10373
Acesso em: 20-03-2012.

TÁTI, Miécio. Jorge Amado vida e obra. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

“A representação da linguagem no romance histórico contemporâneo brasileiro”

Ministrantes: Cristiano Mello e Geovana Quinalha de Oliveira

Auditório Henrique Silva Fontes

Duração: 3 horas

RESUMO: Os romances da Literatura Brasileira de natureza histórica reaproveitam materiais linguísticos para conferir verossimilhança à representação da fala do narrador, representação do cenário de época, assim como as personagens. Assim, muitos escritores buscam hierarquizar a fala desses personagens através das diferenças sociolinguísticas existentes na Língua Portuguesa, seja na fala do índio, seja na fala do negro, seja na fala do branco europeu, estimulando tendências realísticas ao romance. Por exemplo, no romance *A República dos Bugres* (1999), de Ruy Reis Tapioca a temática do Latim também fortalece os anseios do personagem Joaquim Manuel Menezes de Oliveira (vulgo Quincas), desde menino. Estudioso contumaz e apreciador da língua latina e das questões filosóficas, podemos afirmar sem receios que Quincas é o perfeito erudito-malandro da literatura histórica brasileira. Capitaneado pelo seu narrador, o escritor Tapioca nos ensina que a escritura do romance não necessita apenas da inserção de excertos em Latim para evidenciar sua preocupação com o lado erudito, contudo, mostra também que existe um entrelaçamento de inserir essa característica como ofício do protagonista. É a partir desse novo horizonte de especulação que o acervo linguístico também funciona como mola propulsora no desencadear de ações e atitudes das personagens. Isto é, o acervo linguístico não apenas contribui com a elaboração do romance, mas serve como matéria prima na formulação de acontecimentos e episódios. Várias passagens no decorrer do romance alimentam esse jogo dualístico do protagonista, evocando sua profunda vocação, possibilitando que o leitor também sinta importância por essa língua na atualidade. Outro exemplo notório é a utilização do idioma ioruba para caracterizar a fala dos africanos, trazendo fortes peculiaridades culturais aos nossos ancestrais. Portanto, através da leitura de alguns teóricos, assim como fragmentos selecionados e extraídos do romance, pretendemos examinar esse tipo de matéria-prima que nos últimos anos tem aproximado esses romances históricos com a realidade cultural nacional.

Conteúdo Ministrado:

- A linguagem do Novo Romance Histórico Brasileiro;
- _ A pesquisa linguística para formulação do Novo Romance Histórico Brasileiro;
- _ O anacronismo linguístico no Novo Romance Histórico Brasileiro;
- _ Questões de hierarquia na linguagem (sociolinguística) do romance *A República dos Bugres*;
- _ Questões filosóficas, uso do Latim, uso do idioma Ioruba para representar a fala dos africanos;
- _ O narrador e a matéria narrada nos romances históricos;
- _ Paródia, intertextualidade, biblioteca particular, alusão, pastiche, plágio, questões linguísticas em geral.
- _ O aniversário de 500 anos do Brasil; as publicações acerca do Novo Romance Histórico Brasileiro.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

BASTOS, Alcméno. Introdução ao romance histórico. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____. Alcmeno. A história foi assim: o romance político brasileiro dos anos 70/80. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.

_____. Alcmeno. As fontes documentais e os autores de romance históricos (Por eles mesmos). Rio de Janeiro: Revista Matraga, 2012.

_____. O narrador e o tempo no romance histórico, ontem e hoje. In: MARCHEZAN, Luiz G. TELAROLLI, Sylvia. (Orgs). Cenas Literárias. A narrativa em foco. Araraquara: Unesp, 2002, pp. 11-21

_____. Ali e outrora, aqui e agora: romance histórico e romance político, limites. LOBO, Luiza. (Org) Fronteiras da Literatura. Rio de Janeiro: Relume Duimará, 1999, pp. 151-157

BRAIT, Beth. Ironia em perspectiva polifônica. Campinas: Unicamp, 1996.

Carlos Ceia: s.v. "Auto reflexividade e Reflexividade", E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 06-08-2013.

CARPENTIER, Alejo. O Recurso do Método. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

ESTEVES, Antônio Roberto. O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000). Assis: UNESP, 2010.

ECO, Umberto. Pós-escrito a O Nome da Rosa. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

_____. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

FRED, Wilton Cardoso de Oliveira. Imaginários de nação no romance brasileiro contemporâneo: Os rios inumeráveis e a República dos Bugres. Florianópolis. UFSC, 2005. (Tese de doutorado)

GENETTE, Gérard. Discurso da Narrativa. Lisboa: Veja Universidade, 1996.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. A ficcionalização da História. Mito e parodia na narrativa portuguesa contemporânea. São Paulo: Unesp, 2011.

HUTCHEON, Linda. A poética do Pós-Modernismo. 1991

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da paródia. Trad. Tereza Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1985.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. Literatura e História na obra O Proscrito, de Ruy Tapioca. São Paulo: Editora Escala, 2012.

_____. Romance Histórico. Uma discussão problemática? Lages: Revista História Catarina, Editora Baio, 2012.

_____. Cristiano Mello de; CAMILLOTI, Camila. Figurações da importância do Latim na obra A República dos Bugres, de Ruy Tapioca. Ponta Grossa: Uniletras, 2013.

_____. O romance histórico na América Latina. Entrevista concedida ao Professor Dimas Floriani. Curitiba: Programa América Latina Viva. 31 de julho, 2013.

_____. O romance histórico no Brasil – Alguns paradigmas teóricos. II Seminário dos Alunos da Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Florianópolis: Anais eletrônicos, 2012.

_____. O novo romance histórico – Reflexões acerca de algumas teorias literárias e historiográficas. IV Anais Entre o Discurso e a Espada: Conflitos, Traumas e Memórias. De 01 a 04 de outubro de 2013. FAED-UDESC, Florianópolis, SC.

MARINHO, Maria de Fátima. O romance histórico na primeira pessoa. Porto: Universidade do Porto Faculdade de Letras, 1995, Intercâmbio, p. 67-80.

MARQUES, Ana Maria dos Santos. O Anacronismo no Romance Histórico Português Oitocentista. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. (Tese de doutoramento em Literaturas e culturas românicas: Literatura portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

MIRANDA, Ana. A arte de fingir que se mente. Entrevista concedida a Luciano Figueiredo e Alice Melo, Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 01/12/2011.

MIRANDA, Ana. Entre a imaginação e a verdade. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, n. 68, 21 de out. 1990. Ideias. Ensaios, A. 1, p. 7-8.

MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literários. São Paulo: Cultrix, 1999.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. Ficção histórica contemporânea: desdobramentos e deslocamentos. In: WEINHARDT, Marilene. (org) Ficção histórica: teoria e crítica. Ponta Grossa: UEPG, 2011.

_____. Naira de Almeida. Da narrativa ao romance: a prosa da Guerra do Paraguai nos limites da ficção (histórica) contemporânea. Curitiba: UFPR, 2006, (Tese de Doutorado)

NETO, Miguel Sanches. A verdade nos falsos romances históricos. Brasília: Valor Econômico. 2013. Disponível em:

<https://conteudoclipppingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/7/5/a-verdade-nos-falsos-romances-historicos>. Acesso em: 28/07/2013.

RIBEIRO, José A. Pereira. O romance histórico na literatura brasileira. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

SAMOYAULT, Tiphaine. A intertextualidade. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTOS, Luís Gonçalves. Memórias para servir à História do Reino do Brasil. Brasília: Senado, 2013.

WEINHARDT, Marilene. A República dos Bugres: a Atenas da América ou uma Botucúndia. Portuguese Cultural Studies. Disponível em: <<
[www2.let.uu.nl/solis/psc/p/.../P1 Weinhardt.pdf](http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/.../P1%20Weinhardt.pdf)>>

WEINHARDT, Marilene. A longa duração na ficção contemporânea. Anais do XI Congresso Internacional da Abralic. São Paulo: 13 a 17 de julho, 2008.

“Joaquim e Cavalo azul: notas sobre poesia e vanguarda”

Ministrantes: Helena de Oliveira Andrade e José Virgílio Souza Maciel.

Sala Hassis

Duração: 3 horas

RESUMO: A partir de um possível conceito de “revista literária”, apresentamos duas revistas brasileiras de meados do século XX: Joaquim (editada por Dalton Trevisan, em Curitiba, entre 1946 e 1948) e Cavalo azul (editada por Dora Ferreira da Silva, em São Paulo, entre 1965 e 1989). Examinamos sua configuração visual (espacial) e realizamos um levantamento inicial de seus principais colaboradores e tendências. Finalmente, um cotejamento entre os dois periódicos – à luz dos diferentes contextos históricos e tendo em vista as produções artísticas e teóricas (brasileiras e/ou não) relativas ao período em questão – permite uma reflexão sobre a linguagem em geral e os impasses da poesia contemporânea.

Etapas

1. O que são revistas literárias?
2. Joaquim e Cavalo azul: caracterizações.
3. Joaquim e Cavalo azul: relações.
4. O que é poesia? O que é vanguarda?
5. in-conclusões sobre a (“moderna”) poesia (“brasileira”).

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo horizonte: Editora UFMG, 2005.

BARTHES, Roland. O rumor da língua. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; Inéditos (v. 1 – Teoria). Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas, v. 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____; Escritos sobre mito e linguagem. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. Duas cidades/ed. 34, 2013.

BÜRGER, Peter. Teoria da vanguarda. Trad. Pedro Antunes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Por que ainda lemos revistas de poesia? Apontamentos para o estudo da poesia brasileira em suas revistas. Boletim de pesquisa NELIC, v. 13, n. 20, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2013v13n20p5/27566>.

_____; Sobre revistas, periódicos e qualis tais. Outra travessia – revista de pós-graduação em literatura, v 40, n. 1, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/13089/12169>.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos (1950-1960). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DERRIDA, Jacques. Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Editora UFSC: Florianópolis, 2012.

DIDI-Huberman, Georges. El punto de vista anacrónico. Revista de Occidente, Toledo, março/1999.

FOSTER, Hal. O retorno do real: a vanguarda no final do século XX. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

NANCY, Jean-Luc. Resistência da poesia. trad. Bruno Duarte. Viseu: Vendaval, 2005.

ROCCA, Pablo. Por que, para que uma revista? (Sobre sua natureza e sua função no campo cultural latino-americano). Trad. Doralicia Furtado da Rosa e George Luiz França. Boletim de pesquisa NELIC, v. 7, n. 10, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1597/1324>.

SILVA, Domingos Carvalho da. Introdução ao estudo do ritmo da poesia modernista. São Paulo: Revista Brasileira de Poesia (edições), 1950.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Vozes, Petrópolis, 1977.

Revista Cavalo azul (números 1 a 12).

Revista Joaquim (números 1 a 21).

“A figura feminina nas páginas e nas telas: questões sobre raça e gênero”

Ministrantes: Ana Carolina Pessanha Cavagnoli, Clarice Fortunato Araújo e Gabrielle Vivian Bittelbrun

Sala 323

Duração: 3 horas

RESUMO: O curso pretende estimular o debate sobre como a figura feminina vem sendo apresentada, tomando-se como base a revista Claudia e a revista TPM, as minisséries de televisão Gabriela e o romance I Tituba, blackwitchof Salem, de Maryse Condé. A intenção é se considerarem como operam aspectos sobre raça, colonialidade e gênero em diversos meios.

Sessão I: Numa sociedade puritana, a par com as políticas coloniais do século XVII, a protagonista Tituba do romance de Maryse Condé, “I Tituba, Black Witch of Salem”, vive desterritorializada devido aos múltiplos deslocamentos em sua jornada. Sob o jugo do colonialismo do poder (para usar o conceito de Aníbal Quijano), a personagem sofre a (in)capacidade de viver em dois mundos diferentes (ou seja, a constante agonia de viver uma “disjunção cognitiva”, como afirma Marienne Hirsch) e procura, por isso, estratégias de re-localização nas fronteiras de mundos translocais. É nesse contexto de dominação que buscarei apresentar os encontros afiliativos e des-afiliativos na vida de Tituba, bem como apontar a comunicação intercultural e a alteridade cultural como maneiras de conhecimento do outro para além das perspectivas da cultura dominante.

Sessão II: “Um breve um panorama da figuração da mulher negra na teledramaturgia: invisibilidade e estereótipos”. A representação midiática da mulher negra, no caso, Gabriela cravo e canela, novela cuja obra fonte, o romance de mesmo título, de Jorge Amado, rompeu as fronteiras nacionais e projetou a imagem do Brasil no cenário literário internacionalmente. A partir daí, é possível tecer importantes reflexões sobre questões de gênero, raça e discriminação racial, já que os padrões por essas mídias apresentados não condizem com a real aparência do povo brasileiro, que é diverso em suas misturas raciais. Quando um padrão estético é disseminado socialmente, as pessoas que nele não se encaixam são excluídas, marginalizada e até mesmo invizibilizadas.

Sessão III: Enquanto Claudia e TPM, como revistas femininas do século 21, atestam impulsionar subversões e exaltar a liberdade, elas não deixam de delimitar modos de ser e agir que revelam a colonialidade, hierarquizando indivíduos. Os veículos operam pela consagração do que é considerado a mulher “normal” e “real”. Essa mulher das bancas, atuante socialmente, é reiterada como a branca, deixando-se as negras de fora dos espaços privilegiados e de fora das páginas mesmo nas edições dedicadas ao combate ao racismo.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ALMEIDA, S.R.G. _____. Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, vol. 21, número 2, maio/ ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000200019&script=sci_arttext#nt29>. Acesso em 26 de jul. 2014.

ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil).

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial Brasileira. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 979-985, set. Dez./2008.

CALDAS, Sônia Regina de Araújo. Gabriela, baiana de todas as cores. - Salvador: EDUFBA, 2009.

CONDÉ, Maryse. I, Tituba, Black Witch of Salem. London: Faber and Faber Limited, 2000.

- CORREA, Mariza. "Sobre a invenção da mulata". *Cadernos Pagu*, n. 6-7, p. 35-50, 1996.
- COSTA, C.L. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Caderno Pagu: trajetórias do gênero*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, pp. 59-90, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a04.pdf>>. Acesso em 26 de jul. 2014.
- COSTA, C.L. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Caderno Pagu: trajetórias do gênero*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, pp. 59-90, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a04.pdf>>. Acesso em 26 de jul. 2014.
- CURIEL, O. Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde la América Latina y el Caribe. In: 1º Colóquio Latino-americano sobre Práxis e Pensamento Feminista, 2009, Buenos Aires (Argentina), Anais... Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS) y Instituto de Género de la Universidad de Buenos Aires. 18p. Disponível em: <http://feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf>. Acesso em 26 de jul. 2014.
- FRANKENBERG, Ruth and Lata Mani. "Crosscurrents, Crosstalk: Race, 'Post-coloniality and the Politics of Location. In Kum-Kum Bhavnani, ed. *Feminism and 'Race'*. New York: Oxford University Press, 2001. 479-491.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: 51 ed. - Global, 2006.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- GILLIAM Ângela; GILLIAM Onik"a. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. Em : *Estudos feministas*, Florianópolis :UFSC , Centro de Filosofia e Ciências Humanas, v.3,n.2, (jul. 1995), p. 525-543 ISSN : 0104-026X, (BR-FIUSC) 179716. Disponível no formato digital no link:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16471/15041>> Acesso em 22 jul. 2014.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/professores2/06.pdf>>. Acesso em 12 jan. de 2014.
- HIRSCH, Marianne. "Pictures of a Displaced Girlhood." In Angelika Bammer, ed. *Displacements: Cultural Identities in Question*. Bloomington: Indiana University Press, 1994. 71-89.
- KITCH, C. *The girl on the magazine cover: the origins of visual stereotypes in American Mass Media*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001.
- LORDE, A. Age, race, class and sex: women redefining difference (p. 374-380). In: *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial perspectives*. McClintock, A.; Muftić, A.; Shohat, E. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.
- LUGONES, M. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá: Universidade Colégio maior de Cundinamarca, n. 9, edição julho-dezembro, p. 73-101, 2008.
- McCLINTOCK, Ann. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MIRA, M. C. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água e Fapesp, 2001.
- NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, CNPQ, Capes, Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares, n. 2, vol. 8, 33p., 2000.

PISCITELLI, A. “Reflexões em torno do gênero e feminismo” (p. 43-66). In: COSTA, C. de L.; Schmidt, S.P. Poéticas e políticas feministas. Florianópolis: Editora Mulheres.

QUEIROZ Júnior, Teófilo de. Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira. São Paulo, Ática, 1975.

QUIJANO, A. “Colonialidad del poder y clasificación social” (p. 93-126). In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGUÉL, R (Org.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Por uma concepção multicultural de direitos humanos”, in Revista Crítica de Ciências Sociais, 48, 1997, 11-32.

Santos, Boaventura de Sousa. “Descobrimientos e Encobrimientos”, in Revista Crítica de Ciências Sociais, 38, 1993, 5-10.

SCHUTTE, Ofélia. “Cultural Alterity: Cross-Cultural Communication and Feminist Theory in North-South Contexts.” In: Uma Narayan and Sandra Harding, eds. Decentering the Center: Philosophy for a Multicultural, Postcolonial, and Feminist World. Bloomington: Indiana University Press, 2000. 47-66.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. Estud. av. , São Paulo, v 8, n. 20, abril de 1994. Disponível no link: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 de nov. 2013.

TELLES, Edward. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003.

“Pornologia: Para além do *mando* e da *descrição*”

Ministrantes: Edson Burg e Louisy de Limas

Sala 325

Duração: 3 horas

RESUMO: Em *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, Gilles Deleuze escreve que as obras do marquês de Sade e de Leopold von Sacher-Masoch “não podem passar por pornográficas, merecendo um nome mais alto, como o de ‘pornologia’, porque, em ambas, a linguagem erótica não se reduz às funções elementares de mando e de descrição” (DELEUZE, 2009, p. 20). Já em *Sade, Fourier, Loiola*, Roland Barthes considera os três escritores como fundadores de uma língua nova “atravessada pela língua natural (ou que a atravessa), mas que só se pode oferecer à definição semiológica de Texto” (BARTHES, 1999, p. 10). A partir dessas constatações, pretende-se abordar um modelo de linguagem para além dos termos clínicos *sadismo* e *masoquismo*, constantemente relacionado aos textos destes e de outros autores ditos como *eróticos*. Para tal, será abordada uma parte substancial da obra de Sade, em especial *Os 120 dias de Sodoma* e *A filosofia na alcova*, e as análises de alguns de seus principais críticos como Pierre Klossowski, Georges Bataille e Octavio Paz.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, s/d.

DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: O frio e o cruel*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Sade, meu próximo*. Tradução de Armando Ribeiro. Brasília: Editora Brasiliense, 1985.

KRAFFT-EBING, R. *Psychopathia sexualis*: As histórias de caso. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MORAES, Eliane Robert. *Sade: a felicidade libertina*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

SADE, M. *Oeuvres*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, t. I, II e III, 1990-1998.

“Ensaio de pensamento: Martínez Estrada, Euclides da Cunha”

Ministrantes: Miguel Angel Schmitt Rodriguez e Camila Bylaardt Volker

Sala Drummond

Duração: 1h30

RESUMO: A cisão entre os campos da arte e da vida pode ser compreendida como a matriz que distingue os campos da estética e da política, da beleza e da verdade. Essa distinção é antiga, foi o início da decadência do mundo grego e se estabelece como paradigma desde Platão. Não compreender que a verdade se dá por meio da constituição da obra de arte, por meio da poesia, é reduzir a arte ao seu aspecto de consolo. Não existe “pátria amada”, nosso exílio é cotidiano e é o que temos de mais humano, demasiado humano. É porque vivemos desterrados que a vida se nos apresenta desde sempre como arte. Ignorar essa condição é próprio dos que ignoram o caráter trágico da existência e transformam a arte (a literatura) em pedagogia, em projeto que almeja conduzir o infante, o infame.

Neste minicurso espera-se fazer um passeio através de textos ensaísticos sobre literatura aparecidos em momentos e lugares distintos no século XX, que de uma ou outra maneira tocam nesse problema: quão decisivo é para o poeta (crítico) abandonar a lógica da metafísica ocidental que opera sempre através da chave dialética – cindindo o ser-no-mundo em sujeito e objeto – e o quão decisiva é a escolha por um trabalho não-instrumental com a linguagem.

Em vista disso, cumpre colocar em questão até que ponto a ‘conversação ocidental’, como diz Flusser, ou a ‘biblioteca universal’, como diz Calvino, ou a ‘composição molecular das sociedades’, como diz Martínez Estrada, ou a ‘hierarquia lógica dos conhecimentos’, como diz Euclides da Cunha, problematizam ou reforçam a ideia de uma sociedade dividida entre *práxis* e *poíesis*.

Ezequiel Martínez Estrada (1895-1964) foi poeta, autor de contos e novelas, e ensaísta argentino. Em setembro de 1957, a *Revista do Livro* publicou “Balzac, Poe y Dostoiewski”, um dos poucos textos do autor de *Radiografía de la pampa* (1933) aparecidos no Brasil até aquele momento. A partir desse texto, justamente, espera-se derivar uma série de considerações em torno das predileções do autor.

Euclides da Cunha (1866-1909), ao assumir a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras, em 18 de dezembro de 1906, começa seu discurso falando sobre a primeira vez que entrou no estuário do rio Amazonas. Constrangido pela dificuldade de escrever sobre um lugar que sempre lhe parecera promissor, o autor faz uma distinção entre dois tipos de escritores: os poetas e os poetas pelo avesso. Ao revistar a velha inimizade entre palavra pensante e palavra poética, Euclides se proclama um poeta pelo avesso, invadido e deslumbrado pelo mundo. Através da análise do referido discurso, com pinceladas sobre a obra do autor, vai se ensaiar uma reflexão sobre a distinção entre poetas e poetas pelo avesso, tentando pensar como a “hierarquia lógica dos conhecimentos” se impõe como estratégia discursiva e pré-requisito para o desenvolvimento de uma escritura que, ao menos superficialmente, pretendeu se

distanciar da poesia, sem, no entanto, deixar de utilizá-la.

A interseção entre leituras e releituras arma o trabalho de recombinação de fragmentos em torno da disposição de um problema que atravessa a história da civilização ocidental: “a cisão entre poesia e filosofia, entre palavra poética e palavra pensante [...] pertence tão originalmente à nossa tradição cultural que já no seu tempo Platão podia declará-la ‘uma velha inimizada’” (AGAMBEN, 2007, p. 12).

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

Sobre Martínez Estrada:

BALZAC, Honoré de. Luis Lambert. In: *A comédia Humana*. Vol. XVII. Trad. Paulo Rónai. Porto Alegre: Globo, 1955.

BAUDELAIRE, Charles. *Ensaio sobre Edgar Allan Poe*. Trad. Lúcia Santana Martins. São Paulo: Ícone, 2003.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed.34, 2006.

ESTRADA, Ezequiel Martínez. *Balzac, Poe y Dostoiewski*. In: Revista do Livro, n. 7, v. 2, set. 1957. Rio de Janeiro: Instituto do Nacional do Livro, 1957.

POE, Edgar Allan. *Eureka*. Trad: Marilene Felinto. São Paulo: Max Limonad, 1986.

Sobre Euclides da Cunha:

CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Os sertões dos Campos - duas vezes Euclides*. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1997.

CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. p.393.

CUNHA, Euclides da. (1906) *Amazônia: a Geração de um Mundo* (discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras). In: CUNHA, Euclides. *Contrastes e confrontos. Obra Completa*. volume I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1966. p. 204-219.

Bibliografia geral:

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias - a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

PLATÃO. *Timeo, o de la natureza*. In: ____: *Obras completas*. Trad. Maria Araujo, Francisco Garcia Yague, et. al. Madrid: Aguilar, 1979.

16h30

“Ensaio de pensamento: Vilém Flusser, Italo Calvino”

Ministrantes: Rafael Alonso e Tiago Pissolati

Sala Drummond

Duração: 1h30

RESUMO: A cisão entre os campos da arte e da vida pode ser compreendida como a

matriz que distingue os campos da estética e da política, da beleza e da verdade. Essa distinção é antiga, foi o início da decadência do mundo grego e se estabelece como paradigma desde Platão. Não compreender que a verdade se dá por meio da constituição da obra de arte, por meio da poesia, é reduzir a arte ao seu aspecto de consolo. Não existe “pátria amada”, nosso exílio é cotidiano e é o que temos de mais humano, demasiado humano. É porque vivemos desterrados que a vida se nos apresenta desde sempre como arte. Ignorar essa condição é próprio dos que ignoram o caráter trágico da existência e transformam a arte (a literatura) em pedagogia, em projeto que almeja conduzir o infante, o infame.

Neste minicurso espera-se fazer um passeio através de textos ensaísticos sobre literatura aparecidos em momentos e lugares distintos no século XX, que de uma ou outra maneira tocam nesse problema: quão decisivo é para o poeta (crítico) abandonar a lógica da metafísica ocidental que opera sempre através da chave dialética – cindindo o ser-no-mundo em sujeito e objeto – e o quão decisiva é a escolha por um trabalho não-instrumental com a linguagem.

Em vista disso, cumpre colocar em questão até que ponto a ‘conversação ocidental’, como diz Flusser, ou a ‘biblioteca universal’, como diz Calvino, ou a ‘composição molecular das sociedades’, como diz Martinez Estrada, ou a ‘hierarquia lógica dos conhecimentos’, como diz Euclides da Cunha, problematizam ou reforçam a ideia de uma sociedade dividida entre *práxis* e *poíesis*.

O filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) emprega o termo "conversação ocidental" em inúmeros de seus livros, ensaios e artigos. Pensar o mundo como articulação de palavras (como narrativa) é uma ideia já esboçada em seus dois primeiros livros, *A história do Diabo* (1956/57) e *Língua e Realidade* (1963). Para Flusser, não há algo como uma realidade dada ou um mundo concreto ao qual caberia à linguagem ou a ciência ordenar, impondo ordem ao caos. Já em *A dúvida*, Flusser nos diz que a língua não descreve nem explica nada, mas articula, reforçando que a poesia expande o território do pensável, mas não diminui o território do impensável. A pergunta, para o tcheco-brasileiro, deve abandonar o "o que" e concentrar-se no "como". Neste sentido, a proposta, em Flusser, é entender, em suas linhas gerais, o funcionamento do que o tcheco-brasileiro chama de "conversação ocidental".

O escritor Italo Calvino (1923-1985), ao redigir uma resenha para a *Anatomia da crítica* de Northrop Frye, coloca em questão as possíveis relações entre a escrita literária e uma dimensão histórico-prática da vida. Ainda no mesmo ensaio, Calvino pensa a leitura como potência inesgotável sempre sujeita ao acaso, aos “relances inesperados” e aos encontros incertos com um vazio interior. O escritor italiano, nesse procedimento de mão dupla que vislumbra escrita e leitura, enseja a literatura como escape duplo: por um lado, como marcha em direção ao vazio; por outro lado, como desejo em direção a um fora que se coloca além da *práxis*.

A interseção entre leituras e releituras arma o trabalho de recombinação de fragmentos em torno da disposição de um problema que atravessa a história da civilização ocidental: “a cisão entre poesia e filosofia, entre palavra poética e palavra pensante [...] pertence tão originalmente à nossa tradição cultural que já no seu tempo Platão podia declará-la ‘uma velha inimizada’” (AGAMBEN, 2007, p. 12).

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Sobre Vilém Flusser:

FLUSSER, Vilém. Esperando Kafka. In: ____: *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 69-82.

_____. Por que e para quê? In: ____: *Da religiosidade: a literatura e o senso de*

realidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 23-29.

_____. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *A história do diabo*. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.

Sobre Italo Calvino:

CALVINO, Italo. A literatura como projeção do desejo. IN: _____. *Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. São Paulo: E Realizações, 2014.

Bibliografia geral:

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias - a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

PLATÃO. Timeo, o de la naturaleza. In: _____. *Obras completas*. Trad. Maria Araujo, Francisco Garcia Yague, et. al. Madrid: Aguilar, 1979.